



Bruna Prado

Bastidores da foto feita nas escadarias do Theatro Municipal do Rio que marcaria o movimento

Elas com elas

Movimento Fotógrafas Brasileiras, idealizado pela fotojornalista Wania Corredo, busca dar visibilidade às mulheres na fotografia e garantir mais espaço para elas

POR JULIANA MELGUISO

No Brasil, cerca de 64% dos jornalistas são mulheres. Mesmo sendo maioria em diversas áreas do segmento de comunicação, o número de mulheres cai drasticamente quando se volta para a fotografia. Segundo a Associação dos Repórteres Fotográficos e Cinegrafistas (Arfoc) de São Paulo e Rio, apenas 10,6% dos fotojornalistas associados são mulheres. Para tentar mudar essa realidade, a fotojornalista Wania Corredo e outras colegas de profissão fundaram o movimento Fotógrafas Brasileiras, que busca garan-

tir o espaço e a visibilidade da mulher dentro da comunidade fotográfica.

Com 25 anos de carreira e mulher mais premiada do fotojornalismo brasileiro, inicialmente Wania teve a ideia de fazer uma foto com suas companheiras de trabalho, já que não tinha nenhuma com as colegas reunidas. "Assim que percebi isso, resolvi fazer uma postagem em uma rede social convidando as amigas. A ideia foi se espalhando e diversas fotógrafas se interessaram em participar. A partir disso, perguntas foram surgindo, pois sempre imaginamos onde estavam essas fotógra-

fas, quantas de nós existem pelo País e várias outras questões", diz Wania.

Foi então que no dia 6 de novembro de 2016, nas escadarias do Theatro Municipal do Rio de Janeiro, cerca de 138 mulheres das mais diferentes regiões, e até mesmo países, se reuniram para posar para a foto que marcaria o início do Fotógrafas Brasileiras (publicada na edição 243 de **Fotografe**). Foi ali que, pela primeira vez, mulheres de diferentes segmentos da fotografia puderam conversar sobre as experiências, o mercado de trabalho e também as próprias histórias de luta.



“Nunca pensei que lotaríamos as escadas do Theatro Municipal. Foi algo que nunca poderíamos imaginar, e dali surgiu a ideia de transformar aquele momento em algo maior”, conta a idealizadora. Ela acredita que dali em diante novas portas começaram a ser abertas para as mulheres em um mercado praticamente dominado por homens.

O principal objetivo do movimento é reunir fotógrafas de todo o Brasil e assegurar o resgate histórico de várias pioneiras, que foram esquecidas ou silenciadas, buscando abrir espaço para que haja uma real mudança no âmbito profissional e cultural. “Certa vez, uma fotógrafa do interior do Nordeste conseguiu meu telefone e lembro de ouvir seu choro enquanto perguntava se algum dia teria a oportunidade de expor uma foto sua em um festival. É esse tipo de coisa que queremos garantir para todas nós”, comenta Wania.

AMBIENTE MASCULINO

Uma das organizadoras do movimento, Bruna Prado, se uniu ao Fotógrafas graças a sua experiência nos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro de 2016. Fotojornalista que trabalha com a cobertura de esportes, Bruna sentiu na pele como é ser mu-

lher em um ambiente dominado por homens. “É visível que o número de mulheres fotógrafas é completamente menor que o de homens. Porém, na Olimpíada, era mais drástico ainda. E esse número diminuiu ainda mais se focarmos apenas em fotógrafas brasileiras no evento”, conta. Segundo o Comitê Rio 2016, entre os 1.556 fotógrafos inscritos, apenas 6% eram mulheres.

Momentos marcantes: a mesa do Fotógrafas Brasileiras durante o Paraty em Foco 2017 e, abaixo, parte do grupo reunido durante a Marcha das Mulheres





No dia 6 de novembro de 2016, 138 fotógrafas posaram juntas depois de uma ideia de Wania Corredo (abaixo)



Essa falta de mulheres fotojornalistas na cobertura de esportes é vista também em concursos, como afirma pesquisa feita pelo movimento e que inclui dados do Reuters Institute. Dos 1.556 fotógrafos inscritos em um dos mais renomados prêmios do mundo, o World Press Photo, apenas 15% são mulheres. O Fotógrafas Brasileiras acredita que é por meio de movimentos como esse que se começa a pressão por mudanças no mercado de fotografia em geral.

É claro para elas que essas transformações ainda podem levar tempo, mas algumas diferenças já podem ser vistas. Um exemplo é o Festival Paraty em Foco, que sem o movimento contava com apenas 30% de mulheres em sua base e hoje conta com cerca de 77%, aumentando o número de mulheres em mesas de debate, exposições, entre outros.

Outro fator determinante para o crescimento do Fotógrafas foi o alcance que as redes sociais tiveram após a postagem da foto feita no Rio, aproximando as mulheres e fazendo com que o movimento cresça cada vez mais a cada dia. Belle Maia, uma das fotógrafas voluntárias da nova geração do projeto e que atua na área de comunicação do movimento, acredita que as redes sociais ajudam muito na hora da divulgação. “Por ser algo em tempo real, podemos veicular informações a todo momento. Além disso, podemos entrar em contato com quem não está no grupo, pessoas de outros Estados e até de outros países”, explica. Até o fechamento desta edição, o grupo criado no Facebook contava com 2.488 participantes, e a tendência é aumentar cada vez mais, pois é por meio dessa rede social que as participantes ficam sabendo dos



Julio Cesar Guimarães



Andrea Farias

A exposição coletiva no Paraty em Foco 2017 (acima) foi a primeira do movimento, que vem ganhando mais espaço em eventos, como no World Press Photo (abaixo)



Fotos: Andrea Farias

próximos passos do grupo, como convocatórias, eventos, exposições, novos trabalhos, entre outros.

Para Belle, a principal mudança que ainda precisa ocorrer vem de fora do movimento, no caso, das próprias mulheres e do ambiente em que estão inseridas. “Essa falta de referência para nos identificarmos faz com que tenhamos vergonha de mostrar o que fazemos. Muitas de nós não se veem representadas e não enxergam o potencial que possuem. O grupo vem buscando fazer justamente o contrário”, explica.

CONVOCATÓRIA

Em pouco mais de um ano de projeto, é possível ver diversas mulheres ampliando seu espaço dentro da fotografia, como lugares em mesas de debate de festivais. A meta é ter grande participação feminina nos

eventos planejados pelo movimento, como a convocatória organizada pela fotógrafa Cristina Froment, *Transformar os Silêncios* (que teve as inscrições prorrogadas até 31 de abril de 2018); o projeto Conexões, com a fotógrafa Jacqueline Joner, no qual a história e a obra da fotógrafa são resgatadas para mostrá-la como referência no cenário nacional da fotografia, entre outros.

Para 2018, o grupo planeja mais ações que foquem no resgate histórico e na pesquisa com mulheres do fotojornalismo, além do incentivo a fotógrafas para produzirem e exporem seus trabalhos. Outro foco é a capacitação de mulheres que queiram participar do movimento por meio de workshops, oficinas e palestras que serão organizadas.

“Nossas ações buscam incentivar cada vez mais novas produções e en-

contrar essas mulheres e seus trabalhos perdidos pelo mundo. Porém, além da dificuldade da visibilidade, contamos também com as dificuldades financeiras”, explica Bruna. A ausência de verba é o principal problema enfrentado pelo Fotógrafas Brasileiras no momento, principalmente por dificultar a divulgação de projetos fora das redes sociais, fazendo com que o movimento se mantenha apenas com voluntariado e por isso está em busca de patrocinadores.

Além de Wania, Bruna e Belle, outras 16 fotógrafas também fazem parte desse voluntariado. São elas: Alice Baroni, Andréa Farias, Cristina Froment, Erica Ramalho, Fabrizia Granatieri, Jussara Paixão, Lara Ciarabellini, Luiza Nobre, Luciola Vilella, Marcia Foletto, Milla Dantas, Paula Johas, Regina Magalhães, Simone Marinho, Stela Martins e Vanessa Ataliba.